

Investindo em novos projetos

A idéia de captar capital para ajudar a multiplicar projetos nascentes não é nova. É o que se chama de *venture capital*, uma modalidade que já rendeu frutos mais do que promissores. Os fundos brasileiros que estão surgindo para desenvolver empresas agora não estão interessados no risco tecnológico, preferindo as companhias privatizadas de setores de infra-estrutura, como transporte, energia, telecomunicação e saneamento básico. Mas o *venture capital* verdadeiro gosta de tecnologia e admite viver riscos. A hoje bem-sucedida Microsoft, nasceu, há alguns anos, a partir das idéias de Bill Gates e de quem acreditou no seu projeto.

Mas nem sempre é assim. Muitas vezes, o investimento de risco acaba-se mostrando um fracasso. "No mercado americano, que é o maior do mundo, de cada dez casos de *venture capital*, uma média de dois dão em nada. Outros seis têm rentabilidade mediocre. E apenas dois têm chances de se transformarem em uma mina de dinheiro, compensando os outros oito perdidos", diz José Durval Soledade, diretor da BNDESPar, o braço de participação do BNDES.

No Brasil, algumas tentativas já foram feitas neste sentido. A Brasilpar tentou, nos anos 80, incentivar empresas na área de tecnologia ou que estivessem no programa de substituição de importações. "Foi um pioneirismo. Conseguimos captar US\$ 11 milhões. Na época, era

até um bom dinheiro. Hoje em dia, não é mais um volume expressivo", recorda-se Roberto Teixeira da Costa, que fundou a Brasilpar.

Na sua opinião, uma série de fatores impediam que este tipo de aplicação de risco realmente fosse interessante na década de 80. A bolsa de valores não estava em um bom momento, a inflação distorcera tudo e ainda não havia um clima que ajudasse a verdadeira romaria de dólares que está inundando a economia brasileira. "Agora, o quadro é muito mais propício. Os investimentos de risco vão crescer muito", prevê Teixeira da Costa.

A BNDESPar também teve sua experiência, através do Condomínio de Empresas de Base Tecnológica. Um dos poucos investimentos que realmente vingaram foi na Biofil, empresa do Paraná que criou e lançou uma pele artificial para o tratamento de queimados. Oito anos depois de ter recebido um investimento do BNDES de US\$ 2 milhões, a empresa está conseguindo seu lugar: vende o Biofil no Brasil e no exterior e acaba de fazer uma *joint venture* com outra empresa paranaense para crescer, formando a Fibrocel, que irá abrir uma nova fábrica maior em Londrina. "A ajuda da BNDESPar foi importantíssima para nós. É muito difícil achar quem acredite e invista em setores de ponta", disse Eros Santos Carrilho, sócio da Biofil.